

**IDENTIDADE JUDAICA E POLÍTICA SIONISTA À LUZ DA LEITURA SAIDIANA DE FREUD**André Luiz Bacci<sup>1</sup>**RESUMO**

Neste artigo, propõe-se uma leitura da obra *Freud e os Não-Europeus*, de autoria de Edward Said, a partir de uma perspectiva que possibilite entendê-la como um epítome em termos psicanalíticos do conhecido ativismo do autor como intelectual engajado na causa palestina.

**Palavras-chave:** Edward Said; Freud e os Não-Europeus; identidade judaica.

**JEWISH IDENTITY AND ZIONIST POLITICS IN THE LIGHT OF THE SAIDIAN READING OF FREUD****ABSTRACT**

In this paper is proposed a reading of the book *Freud and the Non-European*, authored by Edward Said, from a perspective that allows understand it as an epitome in psychoanalytic terms of the known activism of the author as an engaged intellectual in the Palestinian cause.

**Keywords:** Edward Said; Freud and the Non-Europeans; Jewish identity.

**INTRODUÇÃO**

Edward Said é considerado um dos intelectuais mais influentes do século XX e com certeza “o mais vigoroso intelectual palestino” (CARVALHO, 2005, p. 60) dos últimos tempos. Em sua obra *Freud e os Não-Europeus*, este autor analisa a identidade

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Judaicos e Árabes, com concentração em Estudos Judaicos, pela Universidade de São Paulo (USP), na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Departamento de Letras Orientais (DLO). Graduado em História pela Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB).

judaica como exaltada pelo nacionalismo judaico, o sionismo, por meio de um comentário sobre o livro *Moisés e o Monoteísmo* (1938), de autoria de Sigmund Freud, apresentado pela primeira vez na forma de uma palestra no Museu Freud de Londres, em 2001. Nela, Said sublinhou a artificialidade das relações estabelecidas a partir da afirmação de uma identidade judaica de filiação europeia em detrimento da pluralidade da cultura judaica. Para Said, a valorização da flexibilidade cultural por parte dos judeus de Israel permitiria que as relações entre estes e árabes palestinos seguisse um caminho diferente do que tem levado aos penosos conflitos desde a fundação do Estado de Israel, em 1948.

Não pensamos, com isso, que a paz tenha de ficar a cargo apenas de Israel, pois isso, além de ingênuo, faria recrudescer o tom paternalista que marca a desigualdade das relações entre o Estado de Israel e a Palestina. Na verdade, “as propostas, dizia ele [Said] com muita lucidez, têm de partir dos oprimidos” (CLEMESH, 2005, p. 77).

Do ponto de vista teórico, cumpre ressaltar que não estaremos livres aqui de modelos carregados de significado dos quais o próprio Said foi um crítico, como “Oriente”, “Ocidente” e o ainda mais impreciso “Oriente Médio”. Os utilizaremos, é claro, com um grau considerável de liberdade e deliberada indiscrição. Além disso, quando dizemos que este artigo se relaciona também à psicanálise, salientamos que não queremos com isso deitar Freud ou Said no divã e aplicar-lhes as técnicas próprias da psicanálise e determinar diagnósticos. Antes, o que se quer é tão somente abordar a mencionada obra de Said no sentido de estabelecer um diálogo com a psicanálise, que nos auxilie a instrumentalizar uma reflexão sobre o engajamento político de Said, relacionando-o às suas experiências particulares e à sua obra. Caso debruçássemos mais demoradamente sobre a questão psicanalítica, correríamos o risco de erros que não acrescentariam mais a este trabalho senão o embaraço de termos sido um tanto lacônicos sobre a questão. Daí, optarmos pelo enfoque não nos aspectos psicanalíticos que constituem um traço muito suave e quase constante neste artigo, mas na relação entre a leitura que Said fez de Freud e a construção da identidade judaica pela política sionista desde a fundação do Estado de Israel, em 1948.

Assim, desenvolveremos uma reflexão sobre de que maneira Edward Said se aproximou das ideias de Freud no tocante à identidade do personagem bíblico Moisés,

relacionando uma possível origem não hebreia deste à idealização de uma identidade judaica unívoca por parte do Estado de Israel. Para tanto, nos fazemos valer tanto de uma bibliografia que possibilite uma investida consistente nos feitos introdutórios ao tema como de outra mais específica, passando por autores conhecidos por trabalhos relacionados à identidade judaica, como Shlomo Sand; outros por acompanharem de perto a obra e o pensamento de Edward Said, como é o caso de Arlene Clemesha, além de obras do próprio Said. Quanto ao desenvolvimento, o artigo tem quatro unidades, além desta introdução e da conclusão. Na segunda parte do artigo, “Edward Said: Identidade Fragmentada”, discorreremos sobre a biografia de Edward Said e sobre a relação deste autor com o exílio consequente do desalojamento da Palestina quando da fundação de Israel em 1948. Em “Freud e os Não Europeus” fazemos a análise propriamente dita do livro homônimo de Said.

#### EDWARD SAID: IDENTIDADE FRAGMENTADA

Para a abordagem que queremos fazer neste artigo sobre a obra *Freud e os Não-Europeus*, é imperativo que se considere Edward Said como falando a partir de um ponto de vista peculiar, o de intelectual exilado. Tendo nascido no seio de uma família cristã “pelas mãos de uma parteira judia” (TAILCHE, 2011, p. 1), a 1º de novembro de 1935, em Jerusalém, durante o mandato britânico na Palestina, Edward Said tornou-se um dos mais influentes intelectuais do século XX e teórico fundamental para o tratamento crítico dos estudos pós-colonialistas.

Edward Said era o único homem, entre mais quatro irmãs, e o filho mais velho de Hilda e Wadie Said, um comerciante palestino alistado no exército americano durante a I Guerra Mundial, tendo por isso conseguindo a cidadania estadunidense para si e sua família. Após a guerra, precisamente em 1919, Wadie Said mudou-se para o Cairo, no Egito, onde começou um negócio com seu primo.

Edward viveu sua infância entre Jerusalém e Cairo, e frequentou a St. George’s Academy e o Victoria College, nestas duas cidades respectivamente. Deste fato inferimos que a noção de uma identidade plural o acompanha desde a tenra idade, como dá exemplo o próprio Said (1998, p. 5):

com um nome de família irreprensivelmente árabe, como "Said", ligado a um improvável nome britânico (minha mãe admirava muito o Príncipe de Gales (Edward VIII), em 1935, ano de meu nascimento), eu era um estudante desconfortavelmente anômalo em toda a minha infância: um palestino indo à escola no Egito com um primeiro nome em inglês, um passaporte americano, e uma identidade indeterminada, sobretudo. Para piorar a situação, o árabe, minha língua nativa, e o inglês, minha língua escolar, foram inextricavelmente misturadas: eu nunca soube qual era minha primeira língua, e nunca me senti completamente em casa em nenhuma delas, embora eu sonhe em ambas. Toda vez que falo uma frase em inglês, encontro-me a repetí-la em árabe, e vice-versa.<sup>2</sup>

No ano de 1951, Edward foi mandado pelo pai para estudar na escola Mount Hermon, em Massachussets, Estados Unidos. Depois estudou Artes em Princeton, onde se formou em 1957; depois pós-graduou-se em Artes, em 1960, e em Filosofia, em 1964, por Harvard, como em Literatura Inglesa, pela mesma instituição. Desde 1963 vinculou-se ao Departamento de Inglês e Literatura Comparada da Universidade de Colúmbia, onde lecionou, desde 1991, Literatura Comparada até 2003, ano de sua morte. Foi ainda professor convidado nas universidades de Harvard, John Hopkins e Yale. Em sua extensa e prolífera carreira ainda foi presidente da Associação de Línguas Modernas e membro da Academia Americana de Artes e Ciências, da Academia Americana de Artes e Letras e da Sociedade Filosófica Americana, entre outras entidades.

A 1970 casou-se com Mariam Cortas, com quem teve um filho, Wadie, e uma filha, Najla. Diagnosticado com leucemia crônica desde 1993, lutou doze anos contra o mal. Said faleceu a 25 de setembro de 2003, devido a complicações ligadas à doença.

---

<sup>2</sup> No corpo do texto as citações literais originalmente em língua estrangeira aparecerão sempre em português, fruto da tradução do autor deste artigo, mas serão apresentadas em seu idioma de origem em notas de rodapé: "With an unexceptionally Arab family name like "Said", connected to an improbably British first name (my mother much admired Prince of Wales (Edward VIII) in 1935, the year of my birth), I was an uncomfortably anomalous student all through my early years: a Palestinian going to school in Egypt, with an English first name, an American passport, and no certain identity, at all. To make matters worse, Arabic, my native language, and English, my school language, were inextricably mixed: I have never known which was my first language, and have felt fully at home in neither, although I dream in both. Every time I speak an English sentence, I find myself echoing it in Arabic, and vice versa."

Para além da pura geografia, o nível de envolvimento de Said com suas atividades nos Estados Unidos sugere que o exílio para ele também se caracterizava cultural e personalisticamente, traço em comum com tantos outros intelectuais armênios, judeus e indianos. Mas era menos sua identidade fragmentada e a própria condição de exilado que, a despeito de que “o exílio é um dos destinos mais tristes” (SAID, 2005, p. 56), o apreço por esta mesma condição foi o alicerce sobre que Said teria construído a riqueza de sua obra. “Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à ideia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá tanta importância”, escreveu Said (2004a, p. 429) em sua autobiografia.

Outra característica por que se notabilizou Said e que o teria impulsionado na direção da crítica social e política era o engajamento que atendia à sua noção do próprio papel do intelectual vinculado ao de exilado. Demos voz ao próprio Said (2005, p. 15):

Todos nós vivemos numa sociedade e somos membros de uma nacionalidade com sua própria língua, tradição e situação histórica. Até que ponto os intelectuais são servos dessa realidade, até que ponto são seus inimigos? A mesma coisa acontece com a relação dos intelectuais com as instituições (academia, Igreja, entidade profissional) e com os poderes de um modo geral, os quais, na nossa época, cooptaram a intelectualidade em grau extraordinariamente alto. [...] Por isso, a meu ver, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.

Edward Said é autor de *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, o mais importante livro sobre a relação entre política e a representação literária do dito Oriente pelos europeus. Escreveu ainda outras obras importantes, como *The Question of Palestine*<sup>3</sup>, *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World*<sup>4</sup>, em que analisa o tratamento do Islã pela mídia americana, e *Cultura e Imperialismo*, além de muitas outras obras sobre cultura, literatura, filosofia, política e música.

---

<sup>3</sup> “A Questão da Palestina”.

<sup>4</sup> “Cobrindo o Islã: Como a Mídia e os Especialistas Determinam como Vemos o Resto do Mundo”.

Para Said a teoria nunca esteve desvinculada do ativismo e do patente posicionamento político que, segundo ele, deveria acompanhar o trabalho do intelectual. Os questionamentos de Edward Said sempre estiveram para além das salas de estudos das universidades e sua voz militante encontrou grande número tanto de adeptos como de opositores, pelo que

a história e a trajetória de Edward Said têm exercido uma enorme influência na vida social e política de muitos intelectuais e ativistas políticos. São também uma importante referência para inúmeras entidades que atuam pelos direitos do povo palestino ou, simplesmente, entendem a atividade política como parte de sua própria existência. (SMAILI, 2005, p. 9)

## FREUD E OS NÃO EUROPEUS

Em seu principal trabalho, intitulado *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, Said discorreu extensamente sobre o pós-colonialismo e teceu críticas objetivas à artificialidade das tradições evocadas no Estado de Israel em nome do nacionalismo sionista. Esta também é a tônica em *Freud e os Não-Europeus*, muito embora nesta obra, escrita já na fase final de sua vida, Said tenha lançado mão de uma abordagem mais arguciosa sobre o que já era dado em seus escritos anteriores, ou seja, o fato de que “uma nação [...] é um grupo de pessoas unidas por um erro comum em relação a seus ancestrais e uma aversão comum em relação a seus vizinhos”<sup>5</sup> (DEUTSCH, 1969, s/p). Como em outros trabalhos, em *Freud e os Não Europeus*, Said também mira o âmbito político, mas articula suas elaborações no terreno psicanalítico.

*Freud e os Não-Europeus* é a transcrição de uma palestra proferida no Museu Freud, em Londres, a dezembro de 2001, em que Said comentou a obra *Moisés e o Monoteísmo*, de Sigmund Freud, publicada pela primeira vez em 1938, por meio da qual este autor pensa em Moisés não como judeu, mas como egípcio. Said partiria da premissa de que ao deslocar a figura máxima do judaísmo para um contexto não europeu e não judaico, Freud “reflete sobre a complexidade da sua própria identidade, e não procura uma verdade sólida da sua identidade em termos positivos ou negativos” (TAILCHE, 2011, p. 5). Esta ideia minaria a política identitária segregativa

<sup>5</sup> “a nation [...] is a group of people united by a common mistake regarding their ancestors and a common aversion to its neighbors”

empenhada pelo sionismo em Israel e poderia lançar as bases para políticas mais democráticas por parte do Estado de Israel em relação aos seus cidadãos árabes e aos palestinos.

Said explica que o termo “não europeus”, da maneira como ele o utiliza, tem duas aplicações. A primeira diz respeito à época de Freud; a outra à época posterior à Segunda Guerra Mundial. “Ambas são profundamente relevantes para uma leitura atual de sua [de Freud] obra” (SAID, 2004b, p. 45). “Como a maioria de seus contemporâneos, Freud sabia que outras culturas notáveis existiam e mereciam reconhecimento” (SAID, 2004b, p. 46). Mas a época de Freud é anterior ao estreitamento das relações comerciais internacionais levadas a cabo pelos grandes blocos econômicos, como à diminuição das distâncias pela facilidade de locomoção e de informação. Inserido em seu contexto histórico e sujeito às influências de seu meio social, Freud teria, para Said, um mirante a partir do qual podia enxergar tudo o que era não europeu, um mirante erigido sobre a tradição judaico-cristã europeia de que Freud era participante e que determinava marcadamente sua visão de mundo.

O segundo sentido de “não europeus” é “politicamente muito mais carregado” (SAID, 2004b, p. 48) e relaciona-se ao pós-Segunda Guerra. No contexto da Guerra Fria, o mundo não europeu passou a integrar assunto do maior interesse desde que sujeito às políticas de influência e à dicotomia entre capitalismo e comunismo que dividia a própria Europa em duas partes bem distintas. Embora matizado pelas circunstâncias temporais, segue intocável num e noutra sentido de “não europeus” a noção do “oriental” sempre vinculada a um “primitivismo indesejável” (SAID, 2004b, p. 50) contra o pano de fundo da proverbial racionalidade europeia.

Recusando-se a rejeitá-lo como documento encerrado numa determinada época, cristalizado em seu contexto histórico e cultural, Said reabre a discussão sobre o texto de Freud lançando-o no terreno político da tensão israelense-palestina. “Os textos inertes permanecem em suas épocas: aqueles que se contrapõem vigorosamente às barreiras históricas são os que permanecem conosco, geração após geração”, disse Said (2004, p. 57). De um lado, a atualidade da ideia de um Moisés não judeu frente à agenda racista israelense; de outro, a disposição do maior intelectual palestino do século XX. Ambas constituem ferramentas fundamentais à oxigenação do texto de Freud e sua aplicação prática na causa palestina.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud nega a Israel o mais emblemático de seus filhos. Said, por sua leitura de Freud, valoriza este tratamento, pelo que o mais importante não é se Moisés era judeu ou não, mas justamente o contrário, ou seja, o fato de que isso, na verdade, não importa.

Quanto a se Moisés pode ser considerado ‘estrangeiro’ aos judeus que o adotaram como patriarca, Freud é bem claro e até taxativo: Moisés era egípcio e portanto diferente das pessoas que o adotaram como líder – pessoas essas que se tornaram os judeus que Moisés parece ter criado depois como sendo o seu povo. (SAID, 2004b, p. 65)

Por meio da leitura de *Moisés e o Monoteísmo* e pelo que se tem dito até agora neste trabalho, é possível depreender que Freud mantinha uma relação excêntrica com o judaísmo. “Às vezes ele tinha orgulho da sua afiliação, mesmo sendo irremediavelmente antirreligioso; em outras ocasiões, expressou irritação e uma reprovação inconfundível em relação ao sionismo” (SAID, 2004b, p. 65). Mas o que é caro a Said é o fato de Freud “subordinar os interesses de todo um povo ao que é mais importante: a remoção da fonte de uma religião, do seu lugar dentro da comunidade e da história de seus correligionários” (SAID, 2004b, p. 62). Uma tomada de consciência disso pelos judeus do Estado de Israel poderia significar tornar-se mais transigente quase que automaticamente em sua política interna e externa.

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud dá duas razões básicas para o antissemitismo. A primeira delas, que os judeus eram tidos como estrangeiros na Europa; a outra diz respeito ao fato de que os judeus, a despeito do preconceito, sempre conseguem sobreviver e mesmo florescer no seio das civilizações que os toleram. Freud rebate a acusação de estrangeiros de que os judeus são vítimas por meio do argumento de que não são “uma raça asiática estrangeira, mas consistem majoritariamente nos remanescentes dos povos mediterrâneos e herdaram sua cultura” (FREUD<sup>6</sup> *apud* SAID, 2004b, p. 68). Said (2004, p. 69) cogita a possibilidade de que Freud tenha tentado “ajeitar os judeus do lado de dentro, por assim dizer, do espaço europeu protetor” levando-se em conta o ambiente de crescente antissemitismo em que vivia. A desastrosa ironia fica por conta de que, depois de 1948, Israel seria um

---

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. Moses and Monotheism, p. 116. In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Londres: Hogarth Press, 1976.



Estado judeu para os judeus, e que os não judeus, como acontecera aos judeus tidos como não europeus na Viena de Freud, seriam tomados por estrangeiros e portanto diferentes dos cidadãos plenos do Estado de Israel. Daí a relevância da abordagem saidiana de *Moisés e o Monoteísmo*. “Para Freud, pensando e escrevendo em meados da década de 1930, atualidade do não europeu consistia na sua presença constitutiva como uma espécie de fissura na figura de Moisés – fundador do judaísmo e, assim mesmo, um não judeu do Egito antigo.” (SAID, 2004b, p. 71).

Ao definir as bases do judaísmo – relativamente à figura de Moisés – numa matriz geneologicamente não europeia e não judaica, Freud atenua a identidade oficial pleiteada pelo Estado de Israel, ainda que ele mesmo não tenha imaginado que isso um dia aconteceria. É importante sublinhar que a obra de Said se constitui numa luta não contra os judeus ou o judaísmo, mas contra a defesa cega dessa identidade falaciosa que é evocada a despeito de uma riqueza judaica pluralista que o sionismo tenta tragicamente apagar. Para Said (2004, p. 73), não obstante a pluralidade da cultura judaica, na esteira da política sionista, “as complexas camadas do passado, por assim dizer, foram eliminadas por uma Israel oficial.” No moderno Estado de Israel, por meio de medidas como a arqueologia bíblica, a ocupação de territórios fronteiriços e a repressão política dos cidadãos árabes, o que se vê é uma tentativa de assentar as bases históricas de um judaísmo ideal (que por definição, não existe) em termos absolutos e definitivos. Tal política vai à contramão dos últimos esforços intelectuais de Freud, um dos mais importantes filhos de Israel na era contemporânea e cujos escritos seguem uma tendência libertária e descentralizadora. Lembremos que para Le Goff (2003, p. 422),

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.

De acordo com Said (2004, p. 53-54), “com o pós-colonialismo “[...] uma nova era histórica estava nascendo, cujos contornos e cujas estruturas não seriam familiares justamente porque nelas havia muito que não era nem europeu nem eurocêntrico.” Assim, torna-se imperativo pensar as identidades puras como improváveis (senão

impossíveis), especialmente no que concerne ao povo judeu, um povo tão habituado às dualidades identitárias típicas do exílio a que tem sido submetido há séculos. Tentar tirar a identidade judaica do terreno multicultural em que cresceu e no qual ainda floresce, é também negar-lhe sua maior riqueza, como sua “potencialidade criativa e enriquecedora para a espécie humana. É simplificá-la, mitificá-la, torná-la unilateral, enfim, repressiva de si mesma, ou de porções de si.” (CLEMESH, 2005, p. 77).

O que Said propõe é que a noção de Freud é a de que mesmo as identidades mais definíveis cultural e historicamente (como era a judaica para ele) não podem ser cooptadas dentro de apenas uma identidade pura. Por isso, o reducionismo autossubmetido do povo judeu é também o pesar de Edward Said, mas também porque dele procede o infortúnio palestino.

Desde 1948, o *establishment* sionista tem empenhado uma política de identificação com os emblemas tradicionais do Ocidente europeu e norte-americano. Ao fazê-lo, Israel emularia elementos de uma “tradição ocidental” de opressão e abuso político e social em nome do nacionalismo, essa ideia que camufla o fato de que a nação não passa de uma “identidade suprema e todo-poderosa que reprime com força o conjunto das representações coletivas da época contemporânea” (SAND, 2011, p. 53). Esta ideia se coaduna com o argumento de Elias e Scotson (2000, p. 212), para quem “a força da função vivificadora do sentimento de valor próprio se mostra na universalidade da tendência de elevar o valor do próprio grupo às custas do valor de outros grupos”. Israel passa aí a impor aos palestinos uma política segregacionista similar aquela sob a qual os próprios judeus padeceram em tantos momentos da história e cujo clímax, guardadas as diferenças, foi o horror dos campos de morte nazistas. Horror pelo qual, aliás, os palestinos não têm “a mais remota porção de culpa” (CLEMESH, 2005, p. 75). Para Said (2004, p. 70)

nos anos posteriores a 1948, quando Israel se estabeleceu como um Estado judeu na Palestina, no que outrora fora uma população diversa, multirracial, de vários povos diferentes [...], houve, novamente, uma re-esquematização de raças e povos que, para aqueles que estudaram o fenômeno da Europa dos séculos XIX e XX, mais pareceu uma paródia das divisões tão assassinas de antes.

A partir desta constatação é que a noção de um Moisés não judeu como trazida à tona por Freud é cara a Said. Ao revisitar o texto de Freud, Said (2004, pp. 55-56) dá mostra de que “[...] a história posterior reabre e questiona o que parece ter sido a finalidade de uma figura de pensamento anterior, colocando-a em contato com formações culturais, políticas e epistemológicas com as quais jamais sonhou o autor [...]”. Embora Said afirme que “Freud possuía uma visão eurocêntrica da cultura”, pondera em seguida: “e por que não haveria de sê-lo? O seu mundo ainda não tinha sido tocado pela globalização, nem pelas viagens rápidas, ou a descolonização” (SAID, 2004b, p. 48). Said valorizou o pensamento de Freud, que transcendeu os pressupostos políticos dominantes de seu tempo e lugar.

O que importa para a análise de Said é menos o fato de Moisés ter sido ou não egípcio do que Freud tê-lo cogitado a partir de uma perspectiva indiferente aos interesses sionistas já em curso na Europa desde o final do século XIX. O próprio Said (2004, p. 59) diz que, na obra *Moisés e o Monoteísmo*, “Freud confessa explicitamente a sua impropriedade” e confessa seu “tratamento autocrático, arbitrário e até inescrupuloso da evidência bíblica”.

A riqueza da cultura judaica estaria justamente no seu universalismo, capaz de produzir pensadores como Spinoza, Marx e o próprio Freud, que produziram conhecimento em grande medida livre dos particularismos identitários que encerram as tradições dentro de si mesmas e que ora cristalizam uma cultura judaica ocidental ideal dentro dos limites das fronteiras geográficas do Estado de Israel. “Acho que estou certo ao presumir que Freud mobilizou o passado não europeu para minar qualquer tentativa doutrinária de assentar a identidade judaica em uma fundação sólida, seja ela religiosa, seja secular.”, escreveu Said (2004, p. 73-74) em *Freud e os Não-Europeus*.

Árabes e judeus compartilham uma ancestralidade comum e participam de culturas análogas em muitos aspectos. Se são inimigos, não é por força de seus próprios interesses, senão pelos das superpotências imperialistas sob cujos auspícios tanta atrocidade se fez exatamente a estes dois grupos. Resgatar a simpatia entre árabes e judeus a partir da leitura de *Moisés e o Monoteísmo*, de Freud, significa caminhar em direção à paz e à desconstrução dos discursos imperialista e nacionalista de que árabes e judeus são vítimas experimentadas.

O sionismo, atuando em nome de todos os judeus, povo em que há, inclusive, muitos que objetam contra a política israelense em relação aos palestinos, faz um esforço sistemático por obliterar a diversidade da cultura judaica em nome do elemento “ocidental” desta cultura, a saber, apenas um fragmento do todo. Ao identificar os fundamentos da identidade israelita fora de Israel, Freud nos oferece uma alternativa que faz da identidade judaica plural ainda em sua origem e torna sem sentido qualquer alimentação de uma Israel oficial de matriz europeia. A esta altura, parece inequívoca a força da leitura de Said. Se foi possível a um judeu vienense se permitir tal pensamento quase na metade do século XX – com todas as implicações que a época e o lugar tinham para qualquer judeu – podemos questionar por que judeus globalizados do início do século XXI não podem ter o mesmo desprendimento. Há valor na permeabilidade das tradições, e no tocante à solução para os conflitos que se arrastam por décadas no Oriente Médio, faz-se eloquente a proposta de Said, ou seja, a de que do consentimento desse valor advenha a convivência pacífica entre judeus e palestinos num Estado binacional onde estes grupos aceitem que são partes constitutivas de suas histórias e identidades.

Alguns passos neste sentido têm sido dados dentro do próprio Estado de Israel. Desde o final do século XX, a sociedade israelense<sup>7</sup> tem respondido ao agravamento da tensão entre Israel e Palestina com “uma necessidade quase desesperada de ressuscitar a discussão crítica e o levantamento de novas ideias, inclusive daquelas que destoam do consenso judaico consagrado – e talvez destas principalmente” (HANDELMAN, 1994, p. 1). Tais discussões e a ascensão social de grupos outrora marginais, como russos, etíopes e judeus do Levante, têm levado à decadência paulatina da elite israelense, caracterizada “pela origem étnica ocidental e pela autoimagem que se empenha em identificar-se com os rótulos desta cultura” (HANDELMAN, 1994, p. 2).

A elite tradicionalmente ashkenazita e laica que venceu a guerra de 1948, desalojou os árabes e absorveu imigrantes judeus, também criou uma categorização de diferentes níveis de cidadania no Estado de Israel. Com a outorga da nacionalidade

---

<sup>7</sup> A sociedade israelense, obviamente, não constitui um bloco homogêneo, e as ideologias políticas em Israel tampouco. O que se propõe aqui é que se tem visto aumentar as discussões políticas com este teor no Estado de Israel.

israelense a judeus de diversas partes do mundo, estes judeus, agora cidadãos de um Estado judeu, viram-se presos numa conjuntura que faz confundir o fato de todos serem judeus com uma suposta igualdade etno-nacional entre os mesmos. Isso ocorreu quase paralelamente à remoção dos árabes do país, pelo que se desenvolveu, a partir de 1948, uma situação em que a nacionalidade abastece a ideia de igualdade étnica judaica. Ao mesmo tempo, a noção de uma etnia judaica municia a desigualdade entre judeus e palestinos. No entanto, sabemos que “a cidadania israelense, baseada em critérios absolutistas de afiliação e pertença, veio a existir somente com o estabelecimento de Israel como Estado” (KIMMERLING, 2001, p. 3). Antes disso, a pertença à comunidade judaica na Palestina não tinha o caráter estatal e obrigatório que ganhou a partir da Guerra de Independência. Para Kimmerling (2001, p. 3), “a relativa flexibilidade da pertença durante o período pré-Estado tinha algum efeito sobre a qualidade das relações entre judeus e palestinos antes do advento de Israel como Estado”.

É compreensível que depois do Holocausto, o sentimento que pairava sobre os judeus europeus era de absoluta insegurança, e que neste sentido, o estabelecimento de um Estado judeu soberano e militarizado significou também a promessa de que a tragédia que os havia acometido nunca mais aconteceria. O problema é que, impulsionado pelo antissemitismo europeu e mesmo internalizando-o, o Estado de Israel teria sido fundado por meio de uma política de ocupação da Palestina a partir da negação do outro, a saber, o povo palestino. Aceitando que israelenses e palestinos estão na região para ficar, parece razoável pensar que a perpetuação da política de negação dos palestinos por Israel apenas trará maior ódio sobre si. Inversamente, seria ingênua a ideia de que os ataques palestinos a Israel têm origem apenas no tratamento que lhes é dispensado pelo Estado vizinho. A complexidade e a tensão da situação na região ocorrem a despeito da brevidade dos conflitos, que se aproximam dos quarenta e cinco anos: só um suspiro na extensa história desses dois povos, ao longo da qual a convivência pacífica e as ricas trocas culturais superam em muito quaisquer rusgas que tenham acontecido no decorrer do percurso.

## CONCLUSÃO

Edward Said contribuiu para o resgate das relações amigáveis entre judeus e palestinos quando, por meio de sua leitura de Freud, questionou os poderes estabelecidos aliando eruditismo e militância. Em *Freud e os Não-Europeus*, pensou que a possibilidade de um Moisés oriundo de uma comunidade alheia à que o adotou e o enaltece, escancara a verdade de que “a identidade não pode ser trabalhada em si mesma” (SAID, 2004b, p. 82). Neste sentido, defende que haja uma tomada de consciência do fato de que judeus e palestinos são, sob muitos aspectos históricos e culturais, colaterais, paralelos e até contrapostos uns aos outros, mas que exatamente por isso suas identidades são permeáveis entre si. Igualmente, o conflito entre judeus e árabes palestinos deve ser encarado como inserido no contexto do esforço pela manutenção do poderio imperialista no Oriente Médio, do qual urge a povos com heranças tão internacionalistas emancipar-se.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier de. Edward Said, Vida e Obra de um Intelectual Palestino. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said: Trabalho Intelectual e Crítica Social*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

CLEMESHA, Arlene. Uma Herança Árabe Internacionalista. In: \_\_\_\_\_(org.). *Edward Said: Trabalho Intelectual e Crítica Social*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

DEUTSCH, Karl W. *Nationalism and Its Alternatives*. Nova York: Knopf, 1969.

ELIAS, N; SCOTSON, J. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

HANDELMAN, Don. Contradições entre Cidadania e Nacionalidade: Suas Consequências para Etnicidade e Desigualdade em Israel. Tradução de Saul Kirschbaum. In: *International Journal of Politics, Culture and Society*. Vol. 7, n. 3, 1994.

KIMMERLING, Baruch. *O Fim da Hegemonia Ahusalita*. Tradução de Gabriel Mordoch. São Paulo: s/e, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de I. Ferreira, B. Leitão e S. F. Borges. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SAID, Edward. *The Question of Palestine*. Nova York: Times Books, 1979.

\_\_\_\_\_. *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World*. Nova York: Pantheon, 1981.

\_\_\_\_\_. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Fora de Lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Freud e os Não-Europeus*. Tradução de Arlene Clemesha. São Paulo: Boitempo, 2004b.

\_\_\_\_\_. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAND, Shlomo. *A Invenção do Povo Judeu*. Tradução de Eveline Bouteiller. São Paulo: Benvirá, 2011.

SMAILI, Soraya. Prefácio. In: CLEMESHA, Arlene (org.) *Edward Said: Trabalho Intelectual e Crítica Social*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

TAILCHE, Khalid Basher Mikha. Edward Said e a Tradição Inventada. In: XI Congresso Internacional da ABECAN. N. 11, 2011, Salvador. *20 anos de Interfaces Brasil-Canadá*. 2011: Salvador.